

A OBRA CINEMATOGRAFICA “PSICOSE” DE HITCHCOCK E O COMPLEXO MATERNO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Bruna Moura Fernandes¹

Shamara Souza Mendes²

RESUMO

O presente artigo faz um rápido ensaio, diante de uma pesquisa documental bibliográfica exploratória a fim de analisar a representação do complexo materno, conceito fundamental da Psicologia Analítica, na obra cinematográfica “Psicose” produzida em 1960 pelo notório produtor e diretor Alfred Hitchcock. Por meio de pesquisa qualitativa objetiva-se discutir dentre os espectros do complexo materno, aquele que relaciona-se com Norman Bates, personagem central da obra, e a maneira obscura com que isso afeta as suas relações socioafetivas. Destaca-se, ao final, a perspectiva de condutas orientadas por um complexo materno originalmente positivo, o qual interfere na esfera consciente do personagem e direciona os seus comportamentos, resultando em um aspecto disfuncional, violento e patológico da sua personalidade.

Palavras-chave: Complexo Materno. Psicologia Analítica. Inconsciente Pessoal.

ABSTRACT

The present article makes a quick essay, in face of documentary exploratory research to analyze the representation of the mother complex, a fundamental concept in Analytical Psychology, in the cinematography work “Psycho” produced in 1960 by the notorious producer and director Alfred Hitchcock. Through qualitative research, the objective is to discuss, among the specters of the mother complex, the one related to Norman Bates, the central character of the movie, and the obscure way it affects his socio-affective relationships. Highlights, in the end, the perspective of the conduct oriented by a mother complex originally positive, which interferes with the consciousness of the character and directs his behavior, resulting in a dysfunctional, violent and pathological aspect of his personality.

Keywords: Mother Complex. Analytical Psychology. Personal Unconscious.

1 MATERIAL E MÉTODOS

¹ Graduanda em Psicologia do 2º semestre na Faculdade de Ilhéus (CESUPI), localizada em Ilhéus (BA). *E-mail* para contato: brumourafnds@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia do 2º semestre na Faculdade de Ilhéus (CESUPI), localizada em Ilhéus (BA). *E-mail* para contato: shamara.mendes13@hotmail.com.

No presente trabalho, realizou-se uma pesquisa de caráter documental e bibliográfica de modo exploratório, ao passo que se concretiza através da análise de uma obra clássica audiovisual, sendo a referida obra escolhida o filme “Psicose” (1960) produzido e dirigido por Alfred Hitchcock. Vale ressaltar que a utilização de obras cinematográficas permite a posterior reprodução e uma repetição do material ensejando uma diversificação das análises possíveis, atrelado também ao cunho democrático e acessível da utilização de instrumentos audiovisuais. A escolha do filme de 1960 baseou-se na sua notoriedade no âmbito do cinema, especificamente no gênero do terror, sendo o filme avaliado com nota 8.5/10 no IMDB.

O filme supracitado está disponível e foi acessado por meio da plataforma de compartilhamento de vídeos, Youtube, e das plataformas de *streaming*, Star+ e Telecine. Para tanto, foi realizado um paralelo teórico em face do conteúdo visto no artefato cinematográfico e a teoria da Psicologia Analítica, elaborada por Carl Gustav Jung. Desse modo, é feita uma pesquisa qualitativa a fim de perceber a expressão do Inconsciente Pessoal por intermédio da demonstração simbólica dos Complexos, conceito originalmente junguiano.

Com tal objetivo, foram analisados artigos, monografias e outras obras acadêmicas selecionadas baseando-se no critério de que deveriam abarcar definições e análises que relatassem as implicações e expressões do Complexo Materno. Destaca-se ao final deste artigo a maneira como tais aspectos do Inconsciente são retratados no filme por meio do personagem Norman Bates e sua intrigante relação maternal e com outras figuras femininas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Sobre a obra cinematográfica

O filme Psicose (1960), por sua vez clássico e aclamado por críticas, tendo a direção e produção de Alfred Hitchcock, foi inspirado em Ed Gein, assassino de Wisconsin, na década de 1950. No filme Psicose (1960), Marion Crane, uma secretária pouco prestigiada monetariamente, furta quarenta mil dólares de um cliente do seu chefe, fugindo para encontrar o seu grande amor. Ela acaba obrigatoriamente se hospedando no Motel Bates, visto que uma forte chuva atrapalha sua viagem. É a partir daí que entra Norman Bates, interpretado por Anthony Perkins, personagem misterioso mas inicialmente simpático e cordial apesar de levemente atordoado, que gerencia o estabelecimento e desde então é notável seus conflitos com a mãe, que aparentemente o controla e o impede de relacionar-se com outras mulheres.

Há um momento do filme em que a mãe nega que Bates ofereça comida para a senhorita Crane, intensificando o tópico de autoridade e imposição da figura materna. Após desobedecê-la e juntar-se a Marion para um jantar, onde Norman Bates serve comida para ela mas desde então não se alimenta, ambos conversam em seu escritório. A presença mórbida no cenário daquele espaço reflete no comportamento misterioso e atrapalhado do antagonista. Durante a conversa, é nítido a curiosidade e até mesmo estranheza da senhorita Crane ao vislumbrar a taxidermia presente no local. Norman explica que prefere empalhar pássaros, pois são passivos. Conectando esta passagem com os diálogos seguintes durante a comunicação entre os dois personagens, Norman comenta que todos fazem parte das próprias armadilhas, e que ele já nasceu dentro da sua.

É comentado também o seu desejo de desprender-se da mãe, de abandoná-la, contudo colocando como impasse a doença que ela possui. Interligando a taxidermia com pássaros e a necessidade do senhor Bates em partir, numa interpretação de possibilidades, Norman é o pássaro aprisionado ao complexo da figura materna. Norman Bates aparentemente está tão paralisado quanto os pássaros empalhados em seu escritório, quanto às suas fantasias de poder escapar do seu destino e de sua confusão mental. Passagens seguintes, a cena mais famosa e promissora da obra entra em ação, em que Marion Crane é brutalmente assassinada a facadas no chuveiro, mesclando o pavor dessa vítima indefesa em ritmo aos incessantes golpes, aparentemente dados pela mãe do senhor Bates.

Ao final do filme, é revelado que a mãe do senhor Bates havia sido morta por ele há anos por motivos de ciúme do parceiro da mãe. Bates aparentemente sentiu-se traído, substituído. E como ele mesmo comentou durante o diálogo que teve com a senhorita Crane em seu escritório antes de assassiná-la, o melhor amigo de um menino é a mãe dele. Norman se caracterizava como ela e cometia todos os assassinatos que anteriormente foram mostrados na obra como realizados por ela. Norman Bates atribuía uma outra personalidade, totalmente autoritária e dominadora de sua figura materna.

2.2 Sobre o complexo materno originalmente positivo e a figura masculina

Durante seus estudos e formulação da sua teoria, preconizou Carl Jung a existência do Inconsciente Pessoal e Coletivo, sendo que no Pessoal é onde localizam-se os complexos, que tratam de agrupamentos de ideias e imagens de origem intrapsíquica instituídas de forte carga emocional e afetiva e que exercem influência no funcionamento psíquico do ser. Ademais, podem possuir dois graus distintos de independência, sendo um relativo a pacificidade relativa

do complexo, em que ele mal é notado, e o segundo em que ele causa desordens nas regras psíquicas (JACOBI, 2016, p. 16). Sharp (1993 *apud* SANTOS, 2019, p. 30) define o complexo materno masculino como aquelas imagens afetivas relativas à imagem da mãe e das relações com outras mulheres, as quais estão potencialmente ativas na psique coletiva de todos os indivíduos.

Apesar da denominação, um complexo materno originalmente positivo não implica em uma vivência positiva e tampouco se restringe a relação com a mãe mas abarca também qualquer experiência maternal. Tratando-se desse, Kast (1997 *apud* SANTOS, 2019, p. 30) preconiza-o como um sentimento à criança masculina de “ser interessante e de ter parte em um mundo que oferece tudo de que alguém necessita”. Desse modo, implica-se num indivíduo que enxerga a si mesmo como alguém que merece admiração, destaque e atenção, gerando um ânimo individual com o interesse alheio.

Não obstante, Jung (2002, p. 96) pontua que o complexo materno masculino positivo pode possuir caráter saudável pois é capaz de implicar numa maior sensibilização do indivíduo em suas relações, no desenvolvimento de bom gosto e estética, dentre outros. Vale ressaltar, no entanto, que o caráter disfuncional de tal complexo se dá pela manutenção da dependência da criança por parte da mãe durante o seu desenvolvimento, visto que, Kast (1997, p. 54) afirma que “uma boa mãe daria o sentimento vital do estar-contido, do ser nutrido, estar seguro, mas também o do ser expelido no tempo certo”. Destarte, nota-se aqui que a falta de incentivo à responsabilidade própria durante a infância e por conseguinte, o não desenvolvimento da independência, podem converter-se em um complexo materno disfuncional para o ser.

Outrossim, Kast (1997) pontua como marca desse complexo a ideia da outra pessoa de ir embora como algo infame, pecaminoso, uma ingratidão em face a tudo aquilo magnífico que a pessoa tem a oferecer. Isso atrela-se a ideia do filho que não pode ir embora, e de mesmo modo, da mãe que deve permanecer, pois essa última é considerada desde o nascimento a responsável por nutrir a alegria natural do corpo do filho. De tal maneira, o homem com esse complexo vivencia a separação como algo destrutivo a noção de pertencimento, o que o implica a ter responsabilidade sobre si próprio, coisa essa que não foi desenvolvida por ele durante a infância devido a sua forte relação de dependência materna. Sendo assim, por mais ínfima que seja a separação, perpetua num dano intenso a auto-estima do homem.

Ademais, Kast (1997, p. 52) revela que sentimentos amorosos e fantasias sexuais propiciam a libertação do vínculo materno/paterno pois colocam em segundo plano as vivências psíquicas do campo familiar, e também ressalva que o sentimento de traição pelo pai ou pela

mãe pode gerar um forte isolamento e experiência intensa de solidão, o que permite a percepção do ser como alguém individual.

2.3 O complexo materno retratado no personagem Norman Bates

É nítido a presença forte e dominadora do complexo materno no personagem fictício Norman Bates, à exemplo disso, vale ressaltar o momento em que durante o diálogo com a senhorita Crane, o personagem sai um pouco de sua estabilidade quando a mulher insinua que ele poderia abandonar a mãe. Aquilo para o senhor Bates o atinge quase como o insulto e levando em conta sua reação, que antes pacificadora se torna hostil, a palavra evocou sua imagem de forte carga emocional. Para o personagem, ainda que a sua mãe dirija a ele frases ríspidas e não o trate de maneira agradável, é inconcebível a ideia de separar-se dela. Remete-se a isso, a noção mencionada de Kast (1997) acerca do complexo materno originalmente positivo atrelada ao caráter ofensivo da separação para aqueles que o têm. É tão forte e presente a negação pela separação que no final do filme, quando o psiquiatra de Bates explica a doença dele, informa que mesmo após Norman matar a mãe, rouba seu cadáver e o mantém em casa, conservando-o ao máximo. Aparentemente buscava a validação de ter a mãe sempre consigo, mesmo que na realidade fosse apenas um cadáver putrefato.

É importante ressaltar algumas características de Norman Bates, como a solidão tóxica e os conflitos intrapsíquicos e com sua mãe, ademais, a sua falta de experiência com outras mulheres também é uma característica a ser pontuada. Norman Bates se mascara através de um comportamento inicialmente cordial, o tipo “homem ideal para as mulheres”, para que assim atraia atenção e afeto, colocando-se num pedestal inatingível de que “as mulheres necessitam de alguém como ele”, conforme pontuado por Kast (1997) como uma linha de pensamento típica daqueles que possuem um complexo materno originalmente positivo.

Tal postura do personagem atrela-se à constante tentativa dele de fazer-se ser notado diante a sua figura materna, da qual sentia não possuir atenção e afeto suficientes. Outrossim, destaca-se também o desconforto e o desequilíbrio no comportamento do Norman Bates ao passo que a senhora Crane demonstra não estar interessada nos assuntos os quais ele tem a discutir sobre os seus *hobbies* e vida pessoal, como se fosse um insulto direto à sua personalidade e de uma audácia imensurável que ela não se interesse por ele com tudo o que ele tem a oferecer, em face a sua ideia de possuir um direito de um mundo que atenda a todos os seus desejos.

O abandono materno dá-se para Norman no momento em que revela-se que a sua mãe iria se casar, o que para o personagem configura um abandono que beira a traição, uma separação pautada numa infidelidade ao pacto idealizado por ele de cuidado eterno da mãe para com seu filho. Kast (1997) destaca que o sentimento de traição para o filho pode desencadear num isolamento, que o põe como responsável por si. Além disso, de acordo com Jacobi (2016, p. 27), “não há nada que o indivíduo neurótico tema mais do que o encontro com sua realidade interna e a externa; portanto, ele prefere pensar a vida, em vez de experienciá-la”, logo, Norman Bates, preso em seu próprio casulo, alimentou seu complexo descontando a raiva do abandono materno em outras mulheres e quem entrasse em seu caminho, ameaçando descobrir o seu segredo familiar.

Sentir-se exilado e de fora do único universo que conhecia - o de sua mãe, o transformou nela. Sendo assim, ele formula inconscientemente uma segunda identidade simbolizada com base nas imagens que ele possui de um campo materno idealizado. Pode-se interpretar também ao final do filme, quando o psiquiatra está explicando a conduta maquiavélica de Bates, e pontua que Norman somente existe pela metade na realidade e que a outra metade tomou conta desta, provavelmente para sempre. Em outras palavras, o conflito entre as polaridades consciente-inconsciente cessou, sucedendo que Norman Bates tenha perdido o seu “eu” e não tenha se desassociado da sua fantasia, devido a qual age transvestido como sua figura materna.

Sinaliza ainda Kast (1997) acerca do desenvolvimento da sexualidade como uma desvinculação do campo materno ao passo que este deixa de ser prioridade e as fantasias amorosas e sexuais dominam como prioridade. No entanto, a imagem psíquica do campo materno de Norman Bates exerce uma força tão dominante no seu psiquismo que a expressão dos seus desejos eróticos trazem a ele um caráter pecaminoso, que o emerge num sentimento de culpabilidade individual, já que seus ímpetos tomam o lugar da imagem psíquica materna, que jamais deve ser deixada de lado, na concepção do personagem. Leva-se em conta, então, o comportamento de Norman Bates espionando Marion Crane se despir pelo buraco escondido na parede, em que torna-se nítido a atração proibida. Acerca disso, Jacobi (2016, p. 35) propõe que os complexos aprisionados denotam um conflito que não restringe-se à própria mãe, mas com a imagem universal psíquica sobre o conceito de mãe.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Configura-se a expressão do complexo materno originalmente positivo através do personagem Norman Bates, demonstrada nas suas relações sociais, prioritariamente com figuras femininas. Exprime, desse modo, uma relação de mãe-filho que consagrou um pensamento para o filho baseado no direito de existência e de ser interessante, no entanto, essa relação se destrincha de maneira mal delimitada. De tal modo, o complexo materno domina a consciência de Norman, com um caráter patológico e disfuncional, que o leva a tomar atitudes extremas e danosas à sociedade a fim de manter intacto a sua imagem psíquica materna, extinguindo tudo aquilo que possa vir a ser uma ameaça para essa imagem.

REFERÊNCIAS

HALL, Calvin; Lindzey, Gardner; CAMPBELL, John. A Teoria Analítica de Carl Jung. *In*: HALL, Calvin; Lindzey, Gardner; CAMPBELL, John. **Teorias da Personalidade**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 84-114.

JACOBI, Jolande. **Complexos, arquétipos e símbolos na psicologia de C. G. Jung**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

KAST, Verena. **Pais e filhas Mães e filhos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana**. São Paulo: Loyola, 1997.

PSICOSE. Dirigido e produzido por Alfred Hitchcock, Estados Unidos: Paramount Pictures, 1960. 1 DVD.

PSICOSE. **IMDB**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0054215/>. Acesso em: 27 de out. de 2022.

SANTOS, Alexia. **Um estudo do Complexo Materno na série Bates Motel: Na ótica da Psicologia Analítica**. 2019. 66f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2019.

SILVEIRA, Nise da. **Jung Vida e Obra**. 15 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo: conceitos básicos da Psicologia Analítica**. 11 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.